A hermenêutica antipatriarcal e antiandrocêntrica de Elisabeth Schüssler Fiorenza

Marcos Paulo Fonseca da Costa[1]

Resumo

Este trabalho tem por objetivo expor brevemente aspectos da hermenêutica antipatriarcal e antiandrocêntrica de Elisabeth S. Fiorenza. Nesta investigação de natureza bibliográfica, parte-se, preliminarmente, dos conceitos de patriarcado e androcentrismo para se entender a articulação interpretativa da autora. Para ela, antes de se lançar ao estudo das mulheres no Novo Testamento é preciso entender como as ideologias do patriarcado e do androcentrismo apagaram, por assim dizer, as mulheres das páginas dos evangelhos. Com o plantio dessa atitude hermenêutica, Fiorenza colhe frutos políticos para as mulheres de hoje e abre portas para estudos neotestamentários não fundamentalistas.

Palavras-chave: Hermenêutica. Fundamentalismo. Elisabeth Schüssler Fiorenza. Patriarcado. Androcentrismo.

Introdução

Fruto do esforço realizado para pesquisa no Mestrado em Ciências da Religião (MCR) na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), cujo título é "A participação da mulher na Igreja Episcopal Carismática em Recife: um estudo à luz do movimento histórico de Jesus (Séc. I)", houve interesse pela hermenêutica crítica de Elisabeth Schüssler Fiorenza[2]. Quando se estuda o movimento do Jesus histórico, ainda que *ab ovo*, observa-se que o assunto da participação das mulheres naquele movimento aparece em praticamente toda bibliografia. Isso acaba trazendo à lume uma pergunta incômoda que insiste em ecoar: por que as mulheres aparecem com tão pouco destaque nas páginas do Novo Testamento (NT)? Embora haja relatos sinóticos[3] de que o anúncio da ressurreição fora dado em primeira mão às mulheres, ainda assim elas são marginais no NT.

[1] Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco; Especialista em Filosofia e Bacharel em Teologia, ambos pelo Centro Universitário Claretiano. (marcos.2020601044@unicap.br)

[2] Teóloga de matriz católico-romana nascida em 1938, Elizabeth Fiorenza é considerada partícipe da longa tradição de crítica da "hermenêutica de suspeita", expressão cunhada por Paul Ricouer (*école du soupçon*) para designar a atividade analítica iconoclasta de Marx, Nietzsche e Freud.

[3] Mateus 28,1-8; Marcos 16,1-8; Lucas 24,1-8.

É precisamente neste ponto que Elisabeth Fiorenza é cirúrgica: ela insiste que as mulheres foram discretamente apagadas dos relatos evangélicos por força do patriarcalismo e do androcentrismo vigentes à época. Dito isto, a hermenêutica antipatriarcal e antiandrocêntrica de Fiorenza contribui com peso para o exame da participação da mulher no movimento histórico de Jesus.

Embora não seja usual, este pesquisador não é o primeiro e, supõe-se, muito menos o último varão a se interessar por estudos feministas[4]. O amor por minha mãe (de abençoada memória), por minha mulher, por minha irmã etc., sempre mantiveram os olhares deste mestrando voltados para questões feministas. Além do amor, fatores cognitivos também contribuem para esta aproximação ao universo feminino – como o fato de tomar conhecimento quase que diariamente de discriminação, preconceitos, injustiças, violência doméstica, estupro das mulheres – impulsionaram a pesquisa em curso para o MCR/UNICAP. Como elemento impulsionador para esta comunicação e para a pesquisa no MCR/UNICAP, e almejando que outros homens engrossem as fileiras do estudo de assuntos análogos a este estudo, deixa-se a opinião de Gösmann *et al* (1996, p. 10):

> Para os homens, qual pode ser o significado de um dicionário como este? Desejamos ser lidas por homens que sejam capazes de ouvir e de refletir também sobre si próprios como membros de uma sociedade patriarcal onde lhes seja possível iniciar algo de novo no pensamento teológico.

O cerne deste trabalho está em identificar e compreender bem os termos patriarcado e androcentrismo, pois apenas assim – munidos desses dois conceitos – torna-se possível compreender a hermenêutica semântico-política de Elisabeth S. Fiorenza.

[4] "Quando as mulheres tentam expressar a sua maneira de pensar o mundo, usam o termo feminista para indicar que há um maneira de sentir, pensar e expressar a vida a partir da sua própria experiência e das suas lutas contemporâneas." (GEBARA, Filosofia feminista, 2017, p. 9); "O 'feminismo' como conceito só emergiu em 1837, quando o francês Charles Fourier usou pela primeira vez o termo *féminisme*." (McCANN, 2019, p. 14). O filósofo inglês John Stuart Mill também é conhecido por sua defesa de causas feministas na Inglaterra do século XIX.

1 Semântica e práxis

Falou-se antes que a hermenêutica de Fiorenza possui caráter de busca de significado e apresenta aspecto político. Isso porque, à medida em que se desvelam as camadas de significado por detrás das expressões patriarcado e androcentrismo, Fiorenza vai abrindo rombos no casco do navio fundamentalista e tornando possível a utopia de uma sociedade com menos injustiça mediante ações políticas. Realizadas as considerações vestibulares, é preciso definir os conceitos de patriarcado e de androcentrismo, uma vez que são o epicentro desta reflexão e o substrato para o início de qualquer formulação de pensamento feminista. "Atrás do conceito 'androcentrismo' encontra-se um acesso epistêmico-sociológico, atrás de 'patriarcado', uma análise histórico-social..." (SCHERZBERG, 1996, p. 86).

1.1 Patriarcado

Em poucas palavras, pode-se dizer que o patriarcado consiste numa forma de organização social dominadora. "O vasto sistema de dominação que a teologia feminista denomina de 'patriarcado' preenche quase sem brechas toda a história da humanidade que nos é conhecida através de testemunhos escritos." (GÖSSMANN, 1996, p. 369). Nessa ordem estabelecida, o varão possui proeminência; toda a organização social, desde o nascimento do indivíduo, passando pela infância, adolescência, casamento, vida produtiva e reprodutiva, até a própria morte dele, possui como centro o varão. "Em todos os casos a subordinação das mulheres aos homens relaciona-se com estruturas extrafamiliares de domínio (ex: jurisprudência e poder político exercidos unicamente por homens)." (GÖSSMANN, 1996, p. 369). Adicionalmente, Fiorenza é mencionada por Gössmann (1996, p. 373) como formuladora de um conceito de patriarcado:

> Um tal conceito de patriarcado foi proposto por Elizabeth Schüssler Fiorenza. Ela entende patriarcado não como a dominação de um sexo sobre o outro, mas sim – orientando-se pelo modelo aristotélico da família patriarcal – como o domínio pelo pai (pelos pais de família).

A mulher nessa ordem social, política e econômica possui caráter secundário; nesse "filme", o varão é protagonista e a mulher apenas o coadjuva. Um fato curioso, contudo, está em que a influência do patriarcado greco-romano foi mais decisiva sobre o cristianismo do que o próprio patriarcado judaico.

> Aristóteles... e sobretudo Cícero..., com suas ideias de domínio patriarcal, marcaram mais profundamente o cristianismo doque o NT, o "Velho Testamento" (VT) ou o judaísmo pós-bíblico. A ideia "cristã" do matrimônio e da família como núcleo de um Estado organizado numa ordem patriarcal tem suas principais raízes em Cícero. (GÖSSMANN, 1996, p. 370)

Inspiradas em Max Weber, as feministas não entendem o patriarcado de maneira uniforme (GÖSSMANN, 1996, p. 372); reconhecem as diferenças de local e de tempo na cristalização dos diversos patriarcados concretos da história.

Tendo Fiorenza novamente como foco, Scherzberg (1996), referindo-se a ela por seu nome intermediário (Schüssler) escreve um trecho relevante para esta comunicação:

> Para defini-lo, Schüssler se baseia na importância que o conceito e a instituição do patriarcado tinham na sociologia aristotélica. Patriarcado não deve ser identificado com a dominação dos homens ou do sexismo, mas ele representa uma forma de convívio familiar e social em que os pais possuem o poder de posse e decisão sobre mulheres, filhos e escravos. Patriarcado, portanto, não significa a opressão de todas as mulheres por todos os homens, e sim, muito antes, um produto social complexo de estrutura piramidal. (GÖSSMANN, 1996, p. 21)

1.2 Androcentrismo

Androcentrismo, por sua vez, remete à linguagem. Os modos de falar são muito importantes numa dada sociedade e a maneira como se usa plural, pronomes, numerais, etc., no idioma diz muito sobre o grupo social em questão. "O termo 'androcentrismo' refere-se sobretudo à esfera linguística, a uma linguagem que expressa valores humanos gerais em palavras masculinas ou construções gramaticais masculinas." (SCHERZBERG, 1996, p. 86). "O preconceito androcêntrico torna a vida feminina invisível do ponto de vista linguístico..." (GÖSSMANN, 1996, p. 21). Reimer (2013, p. 92) ratifica tal compreensão ao escrever

que "há textos e história interpretativa que silenciam e tornam essas mulheres invisíveis, destituídas de sua autoridade e autonomia." Em português, encontram-se exemplos de sobeja: o indefinido "todos" para indicar homens e mulheres; o substantivo "pais" apontando para pai e mãe simultaneamente (meus pais); o uso da expressão "todos" como hiperônimo de gênero: se, em determinado recinto houver 100 homens e uma mulher, fala-se "todos"; porém se houver 100 mulheres e um homem, também fala-se "todos".

> Por androcentrismo devemos entender a estrutura preconceituosa, que caracteriza as sociedades de organização patriarcal, pela qual – de maneira ingênua ou propositada – a condição humana é identificada com a condição de vida do homem adulto do sexo masculino...O homem (= o ser humano); (GÖSSMANN, 1996, p. 21)

Embora as mulheres e certos aspectos do mundo feminino sejam postos de lado sob a lógica androcêntrica, ainda assim os vestígios não somem de todo: "Textos androcêntricos...fazem as mulheres desaparecer da historiografia, não, porém, da história." (SCHERZBERG, 1996, p.85)

1.3 A articulação hermenêutica de Elisabeth S. Fiorenza

Apropriando-se desses significados mais profundos de patriarcado e de androcentrismo, torna-se possível percorrer com desenvoltura e tranquilidade os caminhos abertos por Fiorenza. Nesse sentido, a contribuição de Fiorenza (1992) é peça chave para o desenvolvimento deste trabalho.

> A teóloga feminista Elisabeth Schussler Fiorenza elaborou a Hermenêutica Feminista Crítica da Libertação que tem como objetivo, contribuir no processo de conscientização das estruturas de dominação de poder inscritas nos textos bíblicos e em nossas vidas. (FÉLIX, 2017, p. 2)

A fim de desnudar a interpretação majoritária que nunca deu à mulher o devido crédito e nem o devido lugar na história do cristianismo primitivo, Fiorenza (1992, p. 11) entende que a investigação sobre o assunto "pressupõe análise crítica histórica e teológica e também o desenvolvimento de uma hermenêutica histórico-bíblica feminista." Ou seja, não adianta realizar exegese sobre o texto bíblico a

partir do que ela chama de paradigma androcêntrico. A chave hermenêutica tem que ser diversa da que vem sendo utilizada (FIORENZA, 1992, p. 17).

Prossegue Fiorenza (1992, p. 18): "a mudança de uma interpretação androcêntrica do mundo, para uma interpretação feminista, implica uma mudança revolucionária de paradigma científico". Para se conseguir, entretanto, levar a termo a construção dessa nova hermenêutica, é preciso ir além do texto da Bíblia e procurar o apoio na matriz histórico-social dos dias do movimento de Jesus, pois, para ela "uma hermenêutica crítica feminista deve ir além dos textos androcêntricos aos seus contextos sócio-históricos" (FIORENZA, 1992, p.56). Indo ao encontro da perspectiva fiorenzana, Gebara (2017, p. 10) esclarece que "a linguagem sobre Deus nas culturas monoteístas é prioritariamente masculina, ou seja, a cultura expressa Deus partindo do gênero masculino."

A pedra de toque da hermenêutica fiorenzana, herança de iluministas como Reimarus e da teologia liberal, é afirmar que a escritura é também um produto social. Humanos a escreveram, ainda que inspirados em alguns pontos. Para ela "a revelação divina está articulada em linguagem humana historicamente limitada e culturalmente condicionada." (FIORENZA, 1992, p. 38). Estabelecido o importante marco interpretativo, podem-se pensar em voos mais altos. Fiorenza está inscrita no que se convencionou chamar de "teologias de libertação". Ela mesma entende que a tarefa a que ela se propôs

> ... requer uma hermenêutica feminista que compartilhe dos métodos e impulsos críticos dos estudos históricos, por um lado, e dos objetivos teológicos das teologias de libertação, por outro.(FIORENZA, 1992, p. 57)

Assim, sem esta abordagem crítica da história do cristianismo e da própria maneira de interpretar o NT, não é possível reconstruir com alguma segurança a condição da mulher no movimento histórico de Jesus. O NT, para Fiorenza (1992), tem sido um meio de opressão para as mulheres.

> A intuição histórico-teológica que o Novo Testamento não é somente fonte de verdade revelada, mas também meios para subordinação patriarcal e dominação exige novo paradigma para a hermenêutica e a teologia bíblicas. (FIORENZA, 2017, p. 2)

Por fim, o grito de libertação hermenêutico de Fiorenza envolve exatamente a noção de que o meio ambiente patriarcal e androcêntrico contribuiu muito para a formação dos textos cristãos primitivos, pois, para ela, "todos os textos cristãos primitivos estão formulados em linguagem androcêntrica e condicionados por seu meio ambiente e história patriarcais. (FIORENZA, 1992, p. 57)

Considerações finais

Diante de tudo que foi exposto, pode-se ver na obra de Elisabeth S. Fiorenza uma contribuição importantíssima para que se produzam, cada vez mais, interpretações bíblicas que escapem do literalismo e do fundamentalismo. Para se alcançar bom termo na árdua tarefa de se fazer hermenêutica do NT, é preciso, antes perguntar ao texto: como era a vida histórica concreta daquelas pessoas de que o texto trata? Como era a teologia do período, ou seja, em que se acreditava e como se acreditava? Em que medida as relações de poder social estão inseridas no texto?

Em Fiorenza, a hermenêutica acaba servindo de ponte para a libertação política, na medida em que a escritura perde seu caráter divino normativo e passa-se a perceber que há muito de humano naquilo que antes pensava-se ser originado diretamente no céu. O "peso de glória" (aqui em sentido negativo) é retirado dos ombros de muitas mulheres e de alguns homens que não compactuam com a injustiça perpetrada por séculos de patriarcado e de androcentrismo.

Sendo assim, a hermenêutica antipatriarcal e antiandrocêntrica de Elisabeth Schüssler Fiorenza é atual e merece ser investigada a fundo, posto que se insere na melhor tradição libertadora da teologia.

Referências

FÉLIX, Isabel Aparecida. **A função desmistificadora da hermenêutica feminista da suspeita.** 2017. Disponível em http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg7/artigos/I/Isabel_Aparecida_Felix_24_A.pdf. Acesso em 27 set. 2020.

FIORENZA, Elisabeth S. **As origens cristãs a partir da mulher:** uma nova hermenêutica. São Paulo: Paulinas, 1992.

GEBARA, Ivone. **Filosofia feminista:** uma brevíssima introdução. São Paulo: Terceira via, 2017.

GEBARA, Ivone. **O que é teologia feminista**. 1 ed. eBook. São Paulo: Brasiliense, 2017.

GÖSSMANN et al. **Dicionário de teologia feminista.** Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.

REIMER, Ivone R. **Maria, Jesus e Paulo com as mulheres:** textos, interpretações e história. São Paulo: Paulus, 2013.

SCHERZBERG, Lucia. **Pecado e graça na teologia feminista.** Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.